

## PROJETO CASA SENSORIAL

Analice Beatriz Silva dos Santos Soares

Beatriz Alves Veloso

Júlia Melo França

Larissa Victoria Oliveira da Silva

Luiz Gustavo Hoffman Fernandes

Vitória Kelly de Souza Silva

Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG

Orientadora: Ana Cristina Ribeiro Vaz

Co-orientadora: Fernanda Aranha Marques

E-mails: [anaribvaz2@gmail.com](mailto:anaribvaz2@gmail.com) e [nanda07aranha@gmail.com](mailto:nanda07aranha@gmail.com)

### RESUMO

A sala sensorial é um ambiente acolhedor e favorável, onde são oferecidas atividades aliadas a luzes, sons, cores, texturas e movimentos que produzem sensações que levam a respostas adaptativas, provocando estímulos que possibilitam ao cérebro melhorar sua eficiência e funcionamento em maior amplitude. Percebendo que a escola do Centro Pedagógico pertencente à Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais, a cada ano que passa, através de edital com vagas de ampla concorrência e de vagas reservadas para crianças com deficiência, recebe estudantes com Necessidades Especiais Educacionais (NEE) – no mínimo três (03), um grupo de estudantes do nono ano de escolarização (Terceiro Ciclo de Formação Humana), sob a orientação da estudante do Curso de Ciências Biológicas, Fernanda Aranha Marques, e sob supervisão da Professora Ana Cristina Ribeiro Vaz, durante as atividades da Disciplina Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) Clube de Ciências elaboraram um Projeto intitulado Casa Sensorial. Com a execução do referido Projeto, após autorização da direção da Escola, os estudantes esperam uma maneira de aproveitar um espaço pouco utilizado pela maioria dos estudantes do CP/EBAP/UFMG, planejando criar uma sala com materiais confeccionados, na medida do possível, por eles mesmos durante as aulas do GTD, na expectativa de que tal ambiente irá ajudar não somente a estudantes com Necessidades Especiais Educacionais (NEE), mas todos os educandos do Primeiro Ciclo de Formação Humana, a desenvolverem seus sentidos e habilidades que em uma sala comum a todos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Necessidades Educacionais Especiais, Casa Sensorial, Preconceito, Atividades Interativas.

### INTRODUÇÃO

A deficiência faz parte da condição do homem, desde os primeiros registros da sua história e a relação entre as pessoas com algum tipo de deficiência e a sociedade modificou bastante ao longo dos anos. Sabe-se hoje que quase todas as pessoas poderão desenvolver uma deficiência temporária ou permanente em algum

momento de suas vidas, e junto ao envelhecimento da população as dificuldades serão cada vez maiores com a funcionalidade do corpo. Juntamente a esse fato, temos a falta de acesso igualitário à saúde e educação, oportunidades de emprego e moradia, e a exclusão nas atividades cotidianas das pessoas que possuem algum tipo de deficiência (OMS, 2011).

De acordo com o Relatório Mundial sobre a Deficiência, publicação da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2011), há no mundo 1 bilhão de pessoas que vivem com algum tipo de deficiência, o que equivale a uma em cada sete pessoas. Contudo, esses dados são apenas uma estimativa, uma vez que os estudos estatísticos sobre pessoas com deficiências são escassos e representam a dificuldade da sociedade em lidar e acolher essas pessoas. Em conjunto, a Organização das Nações Unidas (ONU, 2016) alerta que 80% das pessoas com alguma deficiência residem em países em desenvolvimento e que no total, cerca de 150 milhões de crianças (com idade inferior a 18 anos) possuem alguma deficiência, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF.

No Brasil o número de pessoas com alguma deficiência, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados do censo demográfico de 2010 aponta 4.5606.048 milhões de pessoas que declararam ter pelo menos uma das deficiências investigadas, correspondendo a 23,9% da população. Além disso,

[...] calculou-se a taxa de escolarização das crianças com pelo menos uma das deficiências investigadas, que foi de 95,1%, cerca de dois pontos percentuais menor do que a taxa de escolarização das crianças dessa mesma faixa etária sem nenhuma dessas deficiências, que foi de 96,9%. Para cada criança de 6 a 14 anos com pelo menos uma das deficiências investigadas que frequentavam escola da rede particular havia seis crianças com a mesma condição estudando em escola da rede pública (IBGE, 2010, p.81).

Em relação ao acesso à educação, tem-se nas escolas brasileiras, a inclusão de crianças com algum tipo de deficiência. De acordo com a Resolução n.2/2001 que instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, houve um avanço na perspectiva da universalização e atenção à diversidade, na educação brasileira, com a seguinte recomendação: Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para a educação de qualidade para todos. Contudo, a inclusão escolar no Brasil ainda não é eficiente, uma vez que não há recursos financeiros e humanos suficientes e especializados para que as propostas educacionais sejam efetivadas e implementadas corretamente. Além de o processo inclusivo ser diferente do que se propõe necessitando de muitas discussões e reflexões quanto ao tema (OSARTI, 2013).

Diversas práticas e ações vêm sendo tomadas com o intuito de promover uma educação inclusiva efetiva nas escolas e que contribuem para um melhor desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem. Dentro desses espaços, destaca-se a sala terapêutica de integração social,

[...] um ambiente acolhedor e favorável, onde são oferecidas atividades aliadas a luzes, sons, cores, texturas e movimentos que produzem sensações que levam a respostas adaptativas, provocando estímulos que possibilitam ao cérebro melhorar sua eficiência e funcionamento em maior amplitude (ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CISNE, 2010, p.1).

De acordo com Mantoan (2003), para que a escola seja inclusiva, é urgente que a educação seja voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconheça e valorize as diferenças. Assim, sabendo-se que a integração sensorial é uma importante parte do desenvolvimento do sistema nervoso central e para muitos estudantes com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) é importante ajudá-los a manter um estado de calma e alerta, de modo que possam desenvolver novas capacidades e aprender a interagir e relacionarem-se, espaços onde objetos e equipamentos possam estar dispostos para serem tocados, percebidos e contemplados a fim de provocar o cérebro a codificar as sensações e apreende-las são de grande importância na Educação Inclusiva (ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CISNE, 2010).

Como em diversas escolas brasileiras, o Centro Pedagógico pertencente à Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (CP/EBAP/UFMG), recebe estudantes com Necessidades Especiais Educacionais (NEE). A cada ano, através de edital com vagas de ampla concorrência e de vagas reservadas para crianças com deficiência, entram, no mínimo, três (03) estudantes portadores de NEE. O acolhimento do Centro Pedagógico a essas crianças cria um movimento de discussão entre os diversos setores que compõem a escola e colabora para que os alunos aprendam a dividir o mesmo espaço.

Diante deste cenário um grupo de seis estudantes participantes do Clube de Ciências e Cultura de 2018 (Analice, Beatriz, Júlia, Larissa, Luiz e Vitória) decidiu elaborar, juntamente com sua monitora Fernanda - graduanda de Ciências Biológicas Licenciatura e aluna de bacharelado de Ciências Biológicas, o presente Projeto de Pesquisa intitulado “Casa Sensorial”. O principal objetivo do projeto era transformar um espaço da escola, denominado “casinha” em uma “Casa Sensorial”, mesmo sabendo de todas as dificuldades que as escolas de inclusão enfrentam com a falta de materiais e práticas que promovam a redução social entre alunos portadores ou não de deficiências. Pretendiam também criar um Kit Sensorial, destinado a todos os estudantes do Primeiro Ciclo de Formação Humana do CP/EBAP/UFMG. Entretanto, devido a questões administrativas e pedagógicas a solicitação encaminhada para órgãos da Escola de se transformar o espaço da “casinha” em uma Casa Sensorial foi negada. Assim, os estudantes optaram pela

criação apenas do Kit Sensorial, na expectativa de diminuir a distância entre os estudantes da escola portadores de deficiências e os estudantes não portadores.

## DESENVOLVIMENTO

O projeto de pesquisa “Projeto Casa Sensorial” foi desenvolvido pelo grupo de trabalho em encontros semanais do Clube de Ciências e Cultura no Centro Pedagógico da UFMG. Esses encontros ocorreram no Laboratório de Ciências, as segundas feiras, e possuíam a duração de 1h:20min (Figura 1).



Figura 1: Integrantes do grupo conversando e discutindo sobre o tema durante a aula do Clube de Ciências. Fonte: Arquivo pessoa da monitora. Agosto de 2018.

Nos primeiros encontros do GTD Clube de Ciências, todos os participantes foram estimulados a formarem grupos e a escolherem um tema que seria desenvolvido durante todo ano letivo. O grupo, autor do presente trabalho, logo decidiu que iria desenvolver um projeto de pesquisa com algum assunto relacionado ao tema da VI FEBRAT – “Ciências para a redução da desigualdade”, na tentativa de ampliar seus conhecimentos sobre uma questão que a escola vivencia desde 2016, com a obrigatoriedade de se ter a reserva de 5% do total das 50 vagas disponibilizadas por meio de sorteio para o ingresso no 1º Ano do Ensino Fundamental a alunos com deficiência vivida dentro do Centro Pedagógico.

As primeiras ideias surgiram através de pesquisas em sites da internet sobre os temas necessidades especiais, deficiências e inclusão, sendo obtidas informações como por exemplo, o número de pessoas portadoras de deficiências no Brasil e quais os tipos de deficiência presentes na nossa população. Além da pesquisa, o grupo foi estimulado a realizar uma tempestade de ideias para em um

primeiro momento buscarem através de seus conhecimentos prévios informações, dúvidas e curiosidades sobre o tema.

Diante das pesquisas realizadas, o grupo optou por abordar a deficiência visual e todos os aspectos que fazem parte desse universo. As discussões basearam-se nos diferentes graus existentes e em como as pessoas portadoras desse tipo de deficiência conseguem ultrapassar os obstáculos existentes no dia a dia. Depois concentraram as discussões sobre a possível entrada de uma criança com deficiência visual no Centro Pedagógico e como a escola poderia acolher esse aluno. Juntamente com a pesquisa sobre os tipos de deficiências existentes, o grupo buscou entender como utilizar a Ciência como ferramenta para sensibilizar e propagar uma maior inclusão e interação entre os diversos tipos de alunos, independente de serem portadores de deficiência ou não.

Dessa forma o grupo considerou que o projeto a ser desenvolvido deveria ser não somente para os alunos de inclusão que a escola recebe, mas para todos os alunos do Primeiro Ciclo de Formação Humana. Surgiu então, a ideia de montar uma sala sensorial com atividades, dinâmicas e materiais para que os alunos possam utilizar durante os primeiros anos e em um dos encontros a Professora Ana Cristina sugeriu a utilização da “casinha” (Figura 2), um espaço da escola que é muito utilizado, para montarmos a sala sensorial.



Figura 2: Espaço chamado de Casinha do Centro Pedagógico da UFMG. Fonte: Arquivo pessoal da monitora. Maio de 2018.

Imediatamente, o grupo iniciou uma coleta de informações sobre o estado de conservação da casinha, suas medidas (altura, largura, comprimento), como é a estrutura (Figura 3) e como poderiam criar um ambiente sensorial naquele espaço. Para realizar o projeto da Casinha Sensorial os alunos produziram um projeto para apresentar à escola com o intuito de pedir permissão e recursos para colocar em prática a construção da casinha. Após o projeto escrito (APENDICE), foi marcada uma reunião com o Diretor e com a equipe da Coordenação Pedagógica (COPED),

onde o grupo expôs seu desejo de utilizar a casinha como um espaço sensorial e todos os aspectos que era necessário abordar para realizar esse projeto.

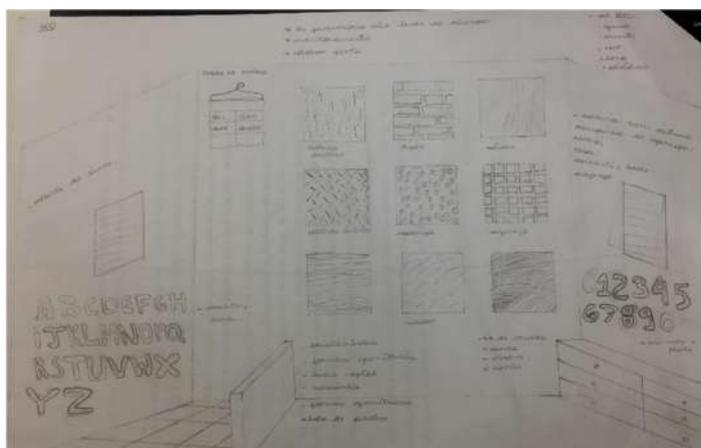


Figura 3: Planta da estrutura da Casinha com os materiais produzidos pelo grupo. Fonte: Arquivo pessoa da monitora. Maio de 2018.

Uma vez que a estrutura física do espaço da “casinha” não pode ser modificada pelos estudantes proponentes do presente projeto e nem pela sua orientadora ou supervisora, destaca-se que no corpo do projeto foi necessário pontuar algumas questões, tais como:

#### Parte 1 do Projeto Casa Sensorial – Estrutura da “Casinha”

- O aumento da porta de entrada para o acesso de cadeirante;
- A instalação de uma porta com tranca;
- A compra de um material para cobrir o teto da casinha para proteger contra chuva;
- Instalação de uma iluminação adequada para os estudantes;
- A instalação de janelas para proteger a casinha da chuva, vento e etc.

Foi também necessário destacar no projeto a necessidade de se produzir alguns materiais para o desenvolvimento das ações com os estudantes do Primeiro Ciclo de Formação Humana:

#### Parte 2 do Projeto Casa Sensorial – Confecção dos materiais da Casa Sensorial

- Mural com diferentes texturas;

- Cabaninha com puff e almofada para o descanso e leitura de livros;
- Estante com livros e revistas;
- Saquinhos sensoriais com diferentes líquidos;
- Tapete sensorial;
- Potinhos plásticos com diferentes objetos para uma experiência tátil;
- Potinhos de tempero para uma experiência olfativa;
- Cortina sensorial para enfeitar as janelas e ser mais uma forma de experiência tátil.

### Parte 3 do Projeto Casa Sensorial – Manutenção da Casa Sensorial

Devido fato de os estudantes serem todos do nono ano e por isto não estarem mais na escola no próximo ano, foi sugerido que o responsável pela manutenção da Casa Sensorial seja o profissional do Atendimento Educacional Diferenciado (AED).

Como a utilização do espaço chamado de “casinha” dependia da aprovação da escola, o grupo também decidiu como exposto anteriormente, desenvolver o Kit Sensorial (Figura 5). Cada Kit terá os mesmos materiais da casinha e a confecção será realizada pelos integrantes do grupo, e ficarão armazenados em caixas que serão entregues em cada sala do Primeiro Ciclo de Formação Humana.



Figura 4: Integrantes do grupo desenvolvendo junto à monitora Fernanda o Kit Sensorial. Fonte: Arquivo pessoal da monitora. Agosto de 2018.

## **RESULTADOS**

Infelizmente, não foi aprovada na Escola a criação da “Casa Sensorial” no espaço da “casinha”. Assim, o grupo de estudantes participantes do GTD Clube de Ciências decidiu que irá apenas confeccionar o Kit Sensorial.

Apesar da negativa, percebe-se que a direção e Coordenação Pedagógica da Escola ficaram alertadas para algumas questões destacadas no corpo do Projeto Casa Sensorial, como por exemplo, o aumento da porta de entrada da “casinha” para o acesso de cadeirantes.

Os estudantes já estão finalizando a confecção dos Kits Sensoriais e esperam poder utilizá-los antes da realização da 6ª FEBRAT com alunos do 1º ano do Primeiro Ciclo do CP/EBAP/UFMG, de modo que no dia do evento possam expor para os visitantes os resultados obtidos.

## **CONCLUSÃO**

Após analisar todas as informações obtidas através das pesquisas e discussões em grupos, percebemos a importância e a urgência de se conversar sobre todos os aspectos que a inclusão escolar possui. É através de uma visão social e acolhedora que a escola conseguirá promover uma relação mais saudável e de respeito entre seus alunos, independente do grau de dificuldade e se esses possuem ou não algum tipo de deficiência, principalmente porque há uma grande diversidade entre todos eles devido as diferentes experiências de vida (família e amigos), diferentes ritmos de aprendizado e interesses. Por isso, a oportunidade de conversar sobre esse tema seja com a família, profissionais da saúde e na escola são essenciais para que o aluno consiga ser inserido com mais equilíbrio, tranquilidade e conhecimento.

Um ponto muito interessante e que chamou a atenção do grupo, foi que não é necessário se fazer grandes mudanças e transformações no ambiente escolar para tentar diminuir as distâncias entre os alunos da escola.

Para finalizar nosso projeto, acreditamos que as atividades lúdicas e de percepção sensorial, contribuem não só para o desenvolvimento cognitivo e motor de um ser humano. Utilizar esses recursos como prática no cotidiano de uma escola, principalmente nos primeiros anos de formação, fará com que os alunos aprendam a conviver e a compreender o outro de maneira criativa e eficaz.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE CISNE. Sala Terapêutica de Integração Social. Disponível em <<https://www.institutocisne.org.br/sala-sensorial>>. Maio de 2018.

IBGE. Censo Demográfico 2011 – IBGE. Disponível em <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)>. Maio de 2018.

LOSCHI, Mariana. Pessoas com deficiência: adaptando espaços e atitudes. Agência IBGE notícias. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/16794-pessoas-com-deficiencia-adaptando-espacos-e-atitudes.html>>. Agosto de 2018.

MACÊDO, Janaina. INCLUSÃO: A ESCOLA ESTÁ PREPARADA PARA ELA?. Brasil escola. Disponível em <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/inclusao-escola-esta-preparada-para-ela.htm>>. Agosto de 2018.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão Escolar - O que é? Por quê? Como fazer?. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2003.

OMS. Relatório mundial sobre a deficiência. Publicado pela Organização Mundial da Saúde em 2011. Disponível em <[http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020\\_por.pdf;jsessionid=8E4C2E326F39747B7F732E4F36FFC83A?sequence=4](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=8E4C2E326F39747B7F732E4F36FFC83A?sequence=4)>. Agosto 2018.

ONU. A ONU e as pessoas com deficiência. Nações Unidas Brasil – ONUBR. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>>. Agosto 2018.

ORSATI, F. T. Acomodações, modificações e práticas efetivas para a sala de aula inclusiva. Temas sobre Desenvolvimento, 2013; 19(107): p.213-222.